

**LITERATURA NA ESCOLA: ENTRE O REAL E O POSSÍVEL**

*Flávia Brocchetto Ramos<sup>1</sup>*

*Taciana Zanolla<sup>2</sup>*

**RESUMO**

As práticas de leitura literária geralmente não respeitam as especificidades deste texto, basta observar o tratamento que a literatura recebe, por exemplo, na maioria dos livros didáticos. Além disso, pesquisa realizada com estudantes de 3ª série sinaliza que essas crianças conhecem, predominantemente, literatura de massa. Frente a essa situação, como parte de estudos do projeto “Formação do leitor: o processo de mediação docente”, apresenta-se Machado de Assis como um autor que pode fazer parte do repertório de estudantes do Ensino Fundamental. Se Machado é um expoente da Literatura Brasileira, deveria estar presente nos planejamentos dos docentes das escolas brasileiras. Neste artigo, elegem-se algumas narrativas curtas do autor para adentrar as práticas de educação literária.

**Palavras-chave:** Mediação de leitura. Machado de Assis. Narrativa.

Literatura, poesia e cinema devem ser considerados [...] *escolas de vida, em seus múltiplos sentidos:*

*Escolas da língua*, que revelam todas as suas qualidades e possibilidades através das obras dos escritores e poetas e permitem que o adolescente – que se apropria dessas riquezas – possa expressar-se plenamente em suas relações com o outro.

*Escolas da qualidade poética da vida* e, correlativamente, da emoção estética e do deslumbramento.

*Escolas da descoberta de si*, em que o adolescente pode reconhecer sua vida na dos personagens de romances ou filmes.[...]

Livros constituem “experiências de verdade”.

Edgar Morin

## INTRODUÇÃO

A formação de leitores competentes é um dos principais objetivos da educação escolar. Nesse sentido, trabalham os professores, que insistem junto aos pais sobre a importância do incentivo à leitura, sugerindo que leiam com os filhos, contem histórias, peçam para que as crianças ou jovens relatem suas leituras. A importância da leitura é destacada em muitas reuniões de pais e em diversos cursos ministrados a docentes. No entanto, geralmente, vemos os adultos frustrados com os resultados das estratégias empregadas. A maioria das crianças e dos jovens não gosta de ler, nem entende o que lê. Essa situação, que pode ser observada diariamente, é também apontada por pesquisas, como as do ENEM e do PISA.

As discussões sobre a leitura em geral são em maior número. Já aquelas concernentes à leitura do texto literário são mais restritas. Em âmbito nacional, pesquisadores do CEALE/UFMG têm se ocupado do tema. No Rio Grande do Sul, há grupos realizando pesquisas sobre a leitura literária. Entre eles, a PUC se destaca, desenvolvendo estudos sobre o texto literário destinado à criança e ao jovem e propondo metodologias de ensino de Literatura. Destacamos também algumas dissertações, cujo tema é objeto de estudo e pretendem contribuir para amenizar a problemática. Citamos em especial: *Isto e aquilo: o processo de letramento ao som da poesia*, de Fabiana Inês Beber; *A leitura de narrativas verbo-visuais: interação do leitor com a palavra e a visualidade por meio da mediação*, de Marília Forgearini Nunes, e *O papel do narrador no processo de compreensão leitora*, de Lovani Volmer.

A discussão se estende. Entramos nesse coro de vozes que pretende mais do que discutir a leitura literária, também ainda buscar alternativas para melhorar o quadro de desempenho leitor no País. Neste artigo, pensamos uma situação especial. Após apresentar as preferências de leitura de estudantes, sujeitos de uma investigação, trazemos Machado de Assis como aquele escritor que deve estar presente na formação literária do leitor brasileiro, ainda no ensino fundamental, apresentado aos alunos pela mediação de um professor. Desse modo, pretendemos pensar qual é o lugar que Machado ocupa nas escolas brasileiras e qual posição ele poderia ocupar.

### AS HISTÓRIAS PREFERIDAS<sup>3</sup>

Quinze crianças, matriculadas na terceira série do ensino fundamental, em escolas públicas de Caxias do Sul, no ano de 2005, mencionaram suas histórias preferidas<sup>4</sup>. Os dados levantados indicam que as histórias mais atraentes às crianças são aquelas que apresentam animais como protagonistas, aquelas em que predominam aventura e/ou mistério e os clássicos. É interessante notar que a temática e o repertório citados costumam ser semelhantes no contexto de cada escola, mas se diferenciam entre os estabelecimentos visitados. Foram entrevistados alunos de três escolas, sendo duas delas situadas em uma realidade urbana e a outra localizada em espaço rural.

Na primeira escola, situada no espaço urbano, as histórias preferidas têm animais como protagonistas. Essa tendência é confirmada pelos títulos mencionados nas entrevistas. *O rei leão* e *O ratinho manhoso* foram lembrados pelas crianças. Os pequenos também insistem na importância de aprender através da leitura. Nesse sentido, livros que tratam de temas relativos ao meio ambiente – problemas com o lixo, a água e a poluição, por exemplo – foram apontados. Apenas uma menina indicou aventura como uma temática que a atrai nos livros, citando *A Branca de Neve* como uma de suas obras preferidas.

O segundo estabelecimento visitado também está ligado à realidade urbana. Nesse contexto, observamos a busca de aventura e mistério nas narrativas. Títulos como *Talismã no Tibete* e *Você tem medo de fantasma?* foram apontados. Histórias de animais, como *O coelho que perdeu a unha*, também aparecem, mas de forma secundária. Surgem, entre esses entrevistados, narrativas contemporâneas, como *Vovó Delícia*, de Ziraldo, e *Anjinho*, de Eva Furnari, e poesia, sendo mencionado o poema “A bailarina”, de Cecília Meireles. Os clássicos são pouco citados, e uma aluna chegou a afirmar que não gosta de lê-los, definindo-os como “histórias de *Era uma vez*”.

Na terceira escola, ligada à realidade rural, nota-se a predominância de clássicos entre as histórias preferidas. Os títulos citados foram *Pinóquio*, *A Bela e a Fera*, *Peter Pan*, *Cinderela* e *Chapeuzinho Vermelho*. Percebemos que essas crianças mencionaram muitas obras nas suas entrevistas, em comparação aos entrevistados das outras duas escolas.

Em todas as escolas, os alunos apreciam a leitura de gibis, com destaque para as histórias da Mônica. Mickey e Pato Donald são lembrados como personagens; entretanto, não foi possível identificar se o suporte é livro de literatura, gibi ou desenho animado.

As diferenças observadas em relação à temática, nos diferentes contextos a que pertenciam os entrevistados, podem estar ligadas à realidade sociocultural dos alunos e também à abordagem dada à literatura pelos professores. Para explicar melhor essa constatação, seriam necessários estudos sobre a realidade sócio-econômica e cultural dos sujeitos, o que extrapola os objetivos de nossa investigação. No entanto, no que concerne a este estudo, esses dados parecem indicar que os títulos e temáticas privilegiados em sala de aula, assim como o conjunto de obras oferecido pela biblioteca, influenciam os gostos e escolhas dos alunos em relação à leitura, já que há certa hegemonia nos títulos e gêneros citados pelos alunos em cada escola. Essa constatação lembra a importância dos mediadores de leitura (pais, familiares, professores, amigos) na relação da criança com os livros.

Além da função dos mediadores de leitura, também observamos que a maioria das obras citadas pelos entrevistados foi adaptada para o cinema. Uma das crianças aponta o personagem Harry Potter, que talvez conheça apenas via filme e não por ter lido uma das obras em que ele é protagonista. Esse fato parece indicar que a divulgação de uma obra através dos meios de comunicação pode aproximá-la do leitor, seja porque as editoras lançam livros de acordo com as tendências do cinema e da televisão, seja porque os próprios leitores procuram textos que foram adaptados para outras linguagens. O processo de transposição da literatura para filme, por exemplo, transforma a linguagem do livro para outro meio com o qual o leitor tem mais afinidade. A filmagem reúne imagem, som e movimento, chegando de forma mais rápida e simples ao destinatário. Ainda instiga a curiosidade do aluno, o que o leva, muitas vezes, a buscar e ler também a obra original.

A preferência pelo enredo fácil em que os elementos de uma cena de filme são dados implica pouco esforço de quem interage com o visto. A apropriação, por parte do leitor, de um texto híbrido (visual e verbal) ocorre de forma diferenciada, e o espaço de experiência de leitura também é específico. Tal fato é considerado uma barreira e até mesmo prejudicial ao desenvolvimento infantil por muitos professores, principalmente na questão do gosto pela leitura. Isso demonstra que o universo da televisão, do cinema, dos videogames ainda não é assunto da atenção docente, nem de leitura consciente, apesar de predominar no universo da produção

cultural contemporânea. Entretanto, as entrevistas realizadas com as crianças mostram que os meios visuais podem incentivar a leitura, ao contrário do que pensam os familiares e até mesmo a escola. A pesquisa mostra que, através desses meios, o leitor se interessa pela literatura. Se essa influência for aproveitada na escola, em lugar de combatida, pode se tornar um apoio para promover a leitura. Ao valorizar a literatura que atrai seus alunos, o professor estimula-os a ler e a sentirem-se sujeitos desse processo. Conquistados os leitores, a escola deve propor outros textos, ampliando seus horizontes de expectativas e desenvolvendo novas competências.

### **ENTRE O REAL E O IDEAL, ESTARIA O POSSÍVEL?**

Como se pode constatar, os gostos e preferências dos alunos recaem sobre textos que lhes são familiares; aqueles que chegam até suas mãos por diversos caminhos e que o estudante pode ler sozinho. Histórias em quadrinhos e histórias que já foram divulgadas pela Disney destacam-se entre as preferências. São textos com os quais a criança pode interagir mesmo sem a figura de um adulto que atue como mediador. Embora esses resultados apontem que a leitura está presente na vida dos alunos, o que alegra professores e pesquisadores, chama a atenção o fato de autores clássicos e significativos da literatura não terem sido mencionados. Esse silêncio indica que textos de Monteiro Lobato, de conhecida qualidade literária e voltados a esse público, por exemplo, não fazem parte do repertório de leitura desses estudantes.

Anne-Marie Chartier (2005) compara os gostos de leitura à formação de nosso paladar. A autora afirma que crianças e jovens, no que se refere à alimentação, conhecem e apreciam o sabor Mc Donald's, e questiona: eles conhecem outros temperos? Provavelmente a ausência de outros pratos, com outros sabores, implica a rejeição de pratos desconhecidos e diferenciados. Gostos e preferências têm relação direta com aprendizagens. O mesmo ocorre com a leitura. Dessa forma, se a escola não tomar a si o papel de formadora do leitor literário, continuaremos a ter leitores apenas de *best-sellers*.

Como já mencionamos, observa-se que entre as respostas dos entrevistados na terceira série do ensino fundamental, autores reconhecidos como Monteiro Lobato não foram citados. A ausência de textos literários significativos no universo de leitura dos estudantes não foi constatada apenas nas séries iniciais do ensino fundamental. Em visita recente a turmas de oitava

série, indagamos quem são os autores conhecidos. Machado de Assis ficou à margem nessa pesquisa, assim como Lobato havia sido ignorado no estudo anterior. O jovem lê e conhece outros autores além de Lobato e de Machado, o que é positivo e necessário. Porém, quando o estudante vai conhecer Machado? Mário de Andrade? Poe? Eurípedes? Esses questionamentos remetem a uma indagação ainda mais profunda: seria conveniente levar esses autores para a escola brasileira, hoje? Por quê?

### **POR QUE LER MACHADO DE ASSIS NO ENSINO FUNDAMENTAL?**

Antonio Candido (1995) propõe uma reflexão sobre direitos humanos e literatura. Nessa reflexão, busca reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o outro. Candido também questiona por que alguns segmentos da sociedade afirmam que o próximo tem direito a certos bens fundamentais, como moradia, alimentação, vestuário, instrução e saúde, mas não defendem que seu semelhante tenha direito a ler Dostoiévski ou ouvir as sinfonias de Beethoven. Em outras palavras, Candido defende que os seres humanos, da mesma forma que necessitam do que é essencial à sobrevivência física, também têm direito à arte e à literatura, imprescindíveis ao espírito.

O autor argumenta que não há equilíbrio social sem a literatura, já que esta é fator indispensável de humanização. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Vista dessa forma, aparece claramente como manifestação universal de todos os homens, em todos os tempos, desempenhando, desse modo, um papel formador de personalidade. Candido acrescenta que a função da literatura está ligada à complexidade de sua natureza, na qual se pode distinguir três faces:

(1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. (1995, p. 244)

Dessa forma, o autor explica que a natureza da obra literária contribui para que sejamos mais capazes de ordenar nossa própria mente e sentimentos. Aliás, a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade, na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante. Candido considera que também há na literatura níveis de conhecimento intencional, isto é, planejados pelo autor e conscientemente assimilados pelo receptor. Nessa perspectiva, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pois focaliza situações de restrição dos direitos ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual, relacionando-se com a luta pelos direitos humanos.

Sendo assim, o autor conclui que a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis de cultura. Uma sociedade justa pressupõe o respeito aos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura é um direito de todos. Para Candido, a literatura corresponde a uma necessidade universal. Negar a fruição dela é mutilar a nossa humanidade. Dessa forma, se acreditamos que a literatura é um direito humano, interagir com Machado deve ser uma atribuição da escola brasileira. Cada professor tem o direito de “viver” a obra do escritor. Cabe a ele, depois dessa vivência, selecionar aqueles textos machadianos que melhor dialogam com o horizonte dos seus alunos e criar estratégias para a fruição estética da literatura.

Acreditamos, portanto, que o estudante brasileiro tem o direito de conhecer as obras formadoras da cultura nacional. Uma obra literária é a síntese de um pensamento. Lembramos Bakhtin (2000), para o qual o texto é sempre uma resposta a questões do seu tempo, mas não está presa à sua contemporaneidade. Ela surge como uma resposta ao seu contexto, mas projeta-se e continua conversando com outras épocas.

A obra de Machado ultrapassa seu tempo de produção. O tempo de recepção tem se dilatado. As suas narrativas continuam nos constituindo e constituindo o nosso imaginário. Sabemos que a literatura se ocupa justamente daqueles assuntos que temos dificuldade de tratar em produções científicas. As inquietações do homem, suas ambigüidades, incertezas, incongruências podem ser acolhidas pela arte.

O conjunto da obra de Machado é revelador da natureza humana. Por isso, não pode ser negado aos alunos. Entretanto, para não provocar uma indigestão nos jovens estudantes, apreciadores do sabor Mc Donald's, há que se criar estratégias de abordagem da obra do gênio.

Entre o que produziu, possivelmente, o que mais dialoga com o estudante brasileiro dessa etapa são os contos. Sugerimos ao professor deixar os romances e a poesia para outro momento.

Para os leitores da primeira etapa do ensino fundamental<sup>5</sup>, podemos partilhar com estudantes do terceiro e do quarto ano alguns textos do escritor. Optamos por aqueles em que predomina a estrutura de diálogo e a fantasia, características que dialogam com os interesses dessa faixa etária. Desse modo, elegemos a narrativa “Um apólogo”, que discorre sobre as vaidades de uma agulha e de uma linha. Outro texto que pode ser destinado a esses leitores é “Filosofia de um par de botas” (MACHADO DE ASSIS, 1995)<sup>6</sup>. Nessa história, o narrador vê “um par de coturnos velhos e imprestáveis” (p. 14), e as duas botas dialogam, rememorando vivências partilhadas.

Nas duas histórias, predomina o diálogo, o que dá dinamismo à leitura. Além disso, as histórias são ilógicas, mas verossímeis: elas se constroem por meio da fantasia, aspecto que agrada ao estudante desse período. Agulha, linha e botas velhas conversam, assumem atitudes humanas, como pessoas que talvez o leitor conheça. O par de calçados está abandonado na rua até que um mendigo passa e o recolhe, deixando as velhas botas assanhadas. Não conhecemos a vida delas depois do encontro com o mendigo. A continuidade da narrativa fica por conta da imaginação do leitor.

Para o estudante que já tem certa fluência de leitura, mas ainda é mobilizado pelo universo mágico da fantasia, indicamos “História comum” (1995, p. 33-41). Nesse texto, o protagonista não é um ser vivo, mas vive questões próprias do humano. Trata-se de um alfinete vaidoso, que queria, mais do que prender alinhavos, desfilar pelos salões. Para sua alegria, segura uma rosa no vestido de Clarinha. No entanto, em um encontro da jovem com seu amado, Clarinha o presenteia com a rosa e atira o alfinete à rua. O pobre alfinete cai “na copa do chapéu de um homem que passava e...” (1995, p. 41).

A história é narrada pelo alfinete, que assume comportamento humano; parece ser uma pessoa que está desfrutando os prazeres dos salões. A narrativa acolhe as expectativas do leitor, que pode imaginar como prossegue a vida do alfinete, agora no chapéu de um transeunte.

Um aspecto fundamental desses textos é o caráter emancipatório, próprio da literatura destinada ao público infantil e juvenil. Essa característica está presente nas narrativas de Machado, apesar de seus textos não serem destinados ao público jovem e da distância cronológica que existem entre esses textos e o estudante de hoje – “História comum”, por



exemplo, foi publicada pela primeira vez em 1883. Textos de Machado como esses foram reendereçados ao público jovem em diversas publicações, entre as quais encontramos a proposta editorial da obra *Cinco histórias do Bruxo do Cosme Velho* (1995), publicada pela Editora Projeto.

Entre essas narrativas, encontramos também “Idéias do canário” (MACHADO DE ASSIS, 1995, p. 43-54). Assim como os citados anteriormente, esse texto não tem destinatário definido, graças à polissemia. Pode interagir tanto com o adulto, quanto com o jovem. Nesse conto, “um homem dado a estudos de ornitologia, por nome Macedo, referiu a alguns amigos um caso tão extraordinário que ninguém lhe deu crédito” (1995, p. 45). O caso relaciona-se a certo canário e a sua postura em relação ao que é o mundo. Na primeira vez em que a ave aparece na narrativa, vive em uma gaiola, dentro de um belchior. O canário fala consigo mesmo, em voz alta, lamentando seu destino, preso na gaiola, em um espaço tão descuidado. O canário considera que não tem dono e que o homem que o trata é o seu servo. A concepção do canário tem sobre o mundo vai sendo alterada, gradativamente, na medida em que a ave vive em espaços mais amplos.

O tom fantasioso não restringe o texto à infância, nem o cunho reflexivo da narrativa impede que ela seja compreendida pelo leitor jovem. Trata-se de um conto literário, acolhendo, portanto, diferentes possibilidades de leitura. Pela mediação do docente, que propõe estratégias para que o conto seja entendido, o estudante brasileiro a partir do sexto ano do ensino fundamental (talvez até antes, dependendo da mediação) poderá interagir com esse conto.

Nos anos finais do ensino fundamental, ler “Teoria do medalhão” é uma ótima possibilidade. Por que esse texto pode dialogar com o estudante? Porque o conto revela com ironia uma concepção de homem que almeja subir na vida, sem escrúpulos. Esse personagem certamente se parece com outros personagens e até mesmo com pessoas de carne e osso que o leitor escolar conhece. O estudante, nesse período, provavelmente está vivendo os conflitos relacionados a deixar de ser criança e assumir uma postura “adulta”, sobre a qual ainda não tem clareza. Nesse sentido, o conto, ironicamente, apresenta o caminho que um pai indica ao seu filho, possibilitando a reflexão sobre caminhos e escolhas da vida.

Poderíamos falar também da sedução presente em “Missa do galo”, da dúvida atroz entre a obrigação e a diversão em “Conto de escola”. Poderíamos continuar enumerando textos, e a lista se estenderia. Entretanto, paramos por aqui, ressaltando que o estudante brasileiro tem o

direito de ler e de discutir Machado de Assis com a orientação do seu professor que será o leitor-guia.

### **ENCERRANDO A APRESENTAÇÃO (POR ENQUANTO)**

Este artigo não surge apenas com o propósito de lembrar os 100 anos da morte de Machado de Assis, mas principalmente de propor o renascimento da sua obra, através de cada leitura, em diferentes idades. Não são apenas os adultos que podem acessá-lo; também têm direito de conhecê-lo crianças e jovens.

Fica um convite para cada professor: experimente o texto, saboreie-o e, depois, decida que parte vai servir, com que prato vai presentear seus alunos. Não esqueça, professor, que o cenário deve estar preparado para receber os convidados, neste caso, os leitores jovens. Prepare a mesa e os talheres adequados. E mais: ajude os leitores iniciantes a usarem esses talheres, para poder apreciar as peculiaridades dos temperos presentes nas histórias machadianas. Sabiamente, a obra tomada como referência neste artigo, *Cinco histórias do Bruxo Cosme Velho*, organizada com contos de Machado de Assis, possui um projeto gráfico que visa tornar as histórias mais acolhedoras para o público jovem. As características do livro, que está inserido na categoria clássico para jovem, lembra ao docente que a abordagem do texto precisa estar adequada ao público para que o diálogo entre obra e leitor se estabeleça, transformando-se numa experiência que constitui o humano.

### **LITERATURE IN SCHOOL: BETWEEN THE REALITY AND THE POSSIBILITY**

#### **ABSTRACT**

The practices of literary reading usually don't respect the specificities of this kind of text, we just have to observe the treatment that we give to literature, for example, in almost all of the

textbooks. Also, a research done with third grade students shows that these students predominantly know mass literature. Because of this situation, as part of studies of the project “Training of the reader: the process of mediation teacher”, Machado de Assis is shown as an author that can be part of the repertoire of readings for students in Elementary School. If Machado is an exponent of Brazilian Literature, he should be present in the planning of teachers in Brazilian schools. In this text, it is chosen some short narratives of this author to introduce the practices of literary education.

**Keywords:** Mediation of reading. Machado de Assis. Narrative.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Professora do Departamento e do Mestrado em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS).
- <sup>2</sup> Graduada em Letras e professora da SMED de Caxias do Sul.
- <sup>3</sup> Esses dados foram publicados no artigo “A história de leitura de alunos e sua competência leitora”, assinado pelas autoras deste estudo, nos anais do *15º Congresso de Leitura do Brasil* (2005).
- <sup>4</sup> A coleta de dados junto às crianças constituiu parte das atividades do projeto *A produção de sentido e a interação texto-leitor na literatura infantil*, desenvolvida na Universidade de Caxias do Sul com apoio da FAPERGS, entre março de 2003 e fevereiro de 2006. A investigação, orientada pelas professoras Dr<sup>a</sup>. Flávia Brocchetto Ramos e Dr<sup>a</sup>. Neiva Senaide Petry Panozzo, utilizou como *corpus* entrevistas episódicas com alunos de terceira série do ensino fundamental, realizadas e registradas por bolsistas, a fim de estudar o modo de leitura desses sujeitos diante do objeto literário constituído por palavra e visualidade.
- <sup>5</sup> Consideramos neste estudo o ensino fundamental de nove anos.
- <sup>6</sup> Texto publicado a primeira vez em 23 de abril de 1878, em *O Cruzeiro*.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CHARTIER, Anne-Marie. “Que leitores queremos formar com a literatura infanto-juvenil?”. In: PAIVA, A; MARTINS, A; PAULINO; G; VERSIANI, Z. *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- MACHADO DE ASSIS. *Cinco histórias do Bruxo Cosme Velho*. Porto Alegre: Projeto, 1995.

MORIN, E. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

RAMOS, Flávia Brocchetto; ZANOLLA, Taciana. A história de leitura de alunos e sua competência leitora. In: *15º Congresso de Leitura do Brasil, 2005*, Campinas. Campinas: Graf. FÉ; ALB, 2005.